

## A ridicularização dos negros no conto “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana

GUSTAVO COSTA

Doutorando em Espanhol pela Texas Tech University. Mestre em Estudos Hispânicos pela Stephen F. Austin State University. e-mail: gustavo.costa@ttu.edu



Bem, eu não sei o que vai pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é o que é essa! (Honwana, 1972, p. 119).

A *mão dos pretos* é um conto presente na obra *Nós matamos o cão-tinhoso*, escrita pelo moçambicano Luis Bernardo Honwana no ano de 1964. É uma obra que apresenta sete contos: “Nós Matamos o Cão Tinhoso”, “Inventário de Imóveis e Jacentes”, “Dina”, “A Velhota”, “Papá, Cobra e Eu”, “As Mãos dos Pretos” e “Nhinguitimo”. O autor retrata ao longo da obra o período da colonização neste país africano, trazendo à tona injustiças sociais, econômicas e raciais neste período que expõe a violência e o preconceito contra os negros, procedente dos colonizadores brancos, em uma relação entre dominante e dominado. Segundo Mondlane, “nos modernos contextos coloniais, em que Moçambique foi exemplo, os negros “não civilizados” ou indígenas eram considerados meros súditos coloniais, podendo ser recrutados pelas autoridades coloniais para o trabalho forçado” (*apud* Silva & Matos, 2015, p. 164). A obra apresenta uma linguagem predominantemente política, sendo crianças as protagonistas dos contos. Os países colonizados pelos portugueses, os chamados PALOPs (Países africanos de Língua oficial Portuguesa) apresentam similitudes em relação a sua história, principalmente no que concerne à depreciação dos negros (Oliveira, 2015, p. 219). Este artigo não analisará somente a questão racial presente no conto, mas também evidenciará, através de diferentes personagens, a discriminação explícita exposta nas falas dos personagens: “[...] o colonialismo foi responsável por criar estereótipos do africano, sempre visto através de uma perspectiva preconceituosa e de submissão racial. Resultante disso, aos negros foi atribuída uma inferioridade nos aspectos biológico, mental, entre outros (*ibid*, p. 221).

Situemo-nos no contexto histórico do país africano. A língua portuguesa foi levada a este território pela ocupação portuguesa no começo do século XX, entretanto, distintos dialetos eram falados na região. O idioma europeu foi muito importante para a comunicação entre os dois povos no período da busca de independência. Em 1962, dois anos antes do lançamento da obra de Honwana, instituiu-se em Moçambique a FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana), declarando um combate armado contra o domínio português, chefiado por Eduardo Mondlane. De acordo com Cravino (2005, s/p.), a FRELIMO

tinha por objetivos: a liquidação total da dominação colonial portuguesa em Moçambique e de todos os vestígios do colonialismo e do imperialismo, a conquista da independência imediata e completa, e a defesa e realização das reivindicações de todos os moçambicanos explorados e oprimidos pelo Regime colonial português.

Entre 1964 e 1975, foi intensa a violência àqueles moçambicanos que, por alguma razão, eram considerados integrantes da Frelimo. Esses indivíduos eram presos, desprovidos de comida, interrogados e torturados até dizerem o que os agentes queriam escutar. É o que acontece no conto “A velhota”, presente nesta mesma obra de Honwana, em que o filho da “velhota” é preso e torturado na prisão, sendo vítima de violência e humilhação, tendo ele o cuidado de não relatar à mãe tudo o que tinha sofrido nas mãos de seus agressores, não os citando explicitamente. Logo, nota-se, do mesmo modo, o cuidado que tem o autor ao não citar siglas nos contos, deixando implícitos os nomes em relação à violência no período de guerra na colônia. Com o declínio do domínio português no ano de 1974, deu-se início o processo de independência das colônias portuguesas na África (ibid, p. 66), sendo Moçambique oficialmente declarada independente no dia 25 de junho de 1975.

Daremos início a esta análise explicando o título do conto: “As mãos dos pretos”. A palavra *preto* pode ser considerada pejorativa, dado que é atribuída à cor da pele de pessoas negras. O personagem principal do conto é um menino mestiço que, com toda a sua inocência, pergunta a distintas pessoas sobre a razão pela qual as mãos dos negros são brancas. Vale ressaltar que o “miúdo” é mulato e as respostas que obtém, afirmando que a palma das mãos dos negros é branca, originam-se de indivíduos brancos, que não se preocupam em estar falando com uma criança, manifestando-se com explicações irônicas e impactantes. O impacto aparece em primeiro lugar, por ser o ouvinte uma criança que apenas pede uma explicação sobre uma curiosidade inocente, e em segundo lugar, pelo fato de que as histórias contadas pelos brancos podem causar comoção ao leitor e até mesmo indignação no decorrer da leitura, fazendo com que se tenha uma visão geral do contexto em que se desenvolve o relato, conectando-o à abordagem histórica de

Moçambique na época da colonização portuguesa no país.

De acordo com Figueiredo, “o negro, como o colonizado, é criação da Europa. Antes de ter contato com o branco, o colonizado/negro não se sente inferior a nenhuma outra raça. Toda a crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais imposta pela colonização” (1998, p. 64). Logo, os negros colonizados encontram no europeu branco o “outro”, aquele que é diferente de si. O negro se sente inferior ao branco devido à sua dominação e, logicamente, por sua cor, ansiando do branco o que ele (o negro) não pode ter nem ser, de acordo com sua perspectiva.

O primeiro personagem que se abordará no conto é o *Senhor Professor*, que disse ao menino “que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo” (Honwana, 1972, p. 117). Portanto, nesta explicação do professor, há uma comparação entre os negros e os animais, sendo os animais “inferiores” ao homem, devido ao seu entorno natural e a seu comportamento bestial e rústico, proporcionando ao negro a imagem de insignificante perante aos brancos.

No discurso seguinte, aparece a figura religiosa do *Senhor Padre*, quando se nota o peso racista na fala do religioso: “Lembrei-me disso quando o Senhor Padre [...] voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas a rezar” (ibid, p. 117). Entende-se, então, que os “pretos” rezavam pela sua própria salvação e que, de tanto rezar, suas mãos ficaram brancas. O menino, entretanto, não se convenceu com a história do Senhor Padre, considerando-a cômica. É importante ressaltar que os adultos narravam ao menino “lendas” do passado, histórias que mostravam, explicitamente, a supremacia branca portuguesa sobre os colonos negros moçambicanos.

O discurso de *Dona Dores* e do *Senhor Frias* serão os próximos a serem analisados. Primeiramente, há que se levar em conta os nomes dos personagens relacionados à temática do conto, tendo-se a palavra/sobrenome *Dores* como símbolo de sofrimento, dominação, violência e a palavra/sobrenome *Frias* simbolizando as baixas temperaturas que os colonizados enfrentavam. De acordo com a primeira personagem, *Dona Dores*, assim diz sobre os negros: “[...] Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa” (ibid, p. 117). Percebe-se na fala da personagem o peso do racismo atribuído aos negros, outorgando-lhes a impureza, o seu corpo como algo desprezível, que não deve ter contato com coisas utilizadas pelos brancos, sendo, de acordo com o discurso, Deus quem quis que fosse assim, tendo-se o negro como inferior ao branco. Segundo Hanna Arendt,

O racismo, seja branco ou negro, está impregnado de violência por definição, por

objetar contra fatos orgânicos naturais – uma pele branca ou negra – que não poderiam ser mudados de modo algum, tudo o que se pode fazer, jogadas as cartas, é exterminar os donos dessas peles (*apud* Paiva, 2016, p. 280).

Já no discurso do *Senhor Frias*,

[...] Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo (*ibid*, p. 118).

Nota-se a hipérbole racista na fala do personagem, primeiramente pelo fato de os negros terem que tomar banho para ficarem brancos, ou seja, eram desprovidos de limpeza, e em segundo lugar, pelo fato de os “pretos” terem sido feitos de madrugada, proporcionando a ideia de escuridão, de falta de luz, das sombras, enquanto os brancos teriam sido criados por Deus durante o dia, na claridade do sol. Em seguida, a fala associa o negro à preguiça devido ao fato de terem molhado somente suas mãos e seus pés, além de se queixarem que a água estava fria, atribuindo-lhes a ociosidade e a malandragem.

Seguem as explicações que outros personagens da história proporcionam ao menino. Segundo o *Senhor Antunes da Coca-Cola*,

antigamente, há muitos anos Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiverem de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (*ibid*, p. 118).

Percebe-se o domínio econômico na fala acima pelo fato de se ter a marca Coca-Cola presente em seu nome. Portanto, a soberania e o poder conferidos ao personagem revelam-se antes mesmo do início do discurso. Em sua fala, faz menções à religião, atribuindo a Deus a “produção” dos “pretos”, coisificando-os e ofendendo-os, respectivamente. A depreciação aos negros na fala igualmente é notada no fragmento “escurinhos como carvão” (*ibid*, p. 118), apresentando uma perspectiva de menosprezo pelo uso do diminutivo e pela rocha que é de cor negra. Não satisfeito com o relato, “[...] o Senhor Antunes e os outros Senhores [...] desataram a rir, todos satisfeitos” (*ibid*, p. 118). Assim sendo, constata-se o deboche em

relação aos negros, além do fato de os brancos não se preocuparem por estarem diante de uma criança.

O menino não somente conseguiu explicações quando esteve cara a cara com os adultos, perguntando-lhes sobre a cor das mãos dos *pretos*, mas também leu em um livro uma resposta para sua pergunta: “mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco da Virginia e de mais não sei onde” (*ibid*, p. 119). Primeiramente, é possível perceber as informações racistas apresentadas pelo livro, sendo que o termo “encurvar-se” refere-se ao trabalho árduo dos colonizados. Em seguida, há uma referência ao algodão, que é de cor branca, simbolizando os brancos colonizadores e apresentando as situações em que o colonizado se curva diante do seu patrão, sendo este último representado pelo algodão, devido a sua cor.

Cabe ressaltar igualmente que o estado americano da Virginia é caracterizado pela manifestação dos negros contra a escravidão e pelo conservadorismo dos brancos. A personagem *Dona Estefânia* aparece entre os relatos, porém, divergindo do livro que o “miúdo” tinha lido: “Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas” (*ibid*, p. 119). Sendo assim, por todo o trabalho realizado, os “pretos” necessitavam lavar bastante as mãos para que ficassem limpas para servir os patrões. Logo, essa era a razão pela qual suas mãos eram brancas.

Finalmente, tem-se o discurso da mãe do menino, possivelmente mulata ou negra:

Deus fez os pretos porque tinha de os haver [...]. Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? [...] foi para mostrar que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos (*ibid*, pp. 119-120).

Ao analisar o discurso da mãe, nota-se, inicialmente, a linguagem religiosa sugerida através do termo Deus, mas ao mesmo tempo, proferindo um equívoco por parte Dele, já que os negros acabaram sendo explorados pelos brancos. Em seguida, percebe-se a submissão dos negros nas casas dos brancos, estes obrigando-os a trabalhar, e até mesmo mantendo relações sexuais com os patrões, o que se pode notar implicitamente no fragmento “[...] ou pouco mais” (*ibid*, p. 119). Seguidamente, a mãe fala sobre o fato dos brancos não aceitarem se Deus voltasse

atrás e trocasse a cor dos indivíduos negros pela cor branca para satisfazer estes mesmos brancos. Atenta-se, portanto, a superioridade e importância dos brancos em relação aos negros, porém, Deus, para provar que todos na face da terra são iguais, fez brancas as palmas das mãos dos negros, mostrando que tudo o que é criado pelo ser humano, independente de sua cor, é igual, não havendo diferenças devido à cor dos indivíduos. A fala final da mãe reitera o racismo dos brancos no trecho “que dão graças a Deus por não serem pretos” (*ibid*, p. 120), fazendo uso da expressão coloquial para agradecer essa graça divina por serem brancos, outro momento de preconceito explícito.

No relato da mãe, percebe-se que há uma questão de indiferença notada por ela no discurso dos portugueses; logo, o riso proporciona uma sensação de absurdez e desatino por parte dos brancos que se divertem com as histórias fantasiosas contadas aos meninos sobre o fato de as mãos dos “pretos” serem brancas. O menino, ingênuo, não consegue perceber o tom de deboche e superioridade dos locutores, passando-se ao choro da mãe, que simboliza a inferioridade e o constrangimento por ter que aceitar sua condição de colonizada e ter que lidar com palavras racistas dos brancos, com a humilhação evidenciada pelo “miúdo” e pela falta de perspectivas futuras “O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber [...] e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir” (*ibid*, p. 119).

Todas as explicações proporcionadas ao “miúdo” colocam os colonizados negros em um cenário de servidão tanto no plano social quanto econômico (Proença, 2016, p. 106). É importante destacar o simbolismo das mãos, já que é a parte do corpo humano com destaque no conto de Honwana. De acordo com Alpenfels,

só o homem tem mão. Ele a usa como uma ferramenta, como um símbolo e como uma arma. Toda uma literatura de lenda, folclore, superstição e mito foi construída em torno da mão humana. Como um órgão de desempenho serve como olhos para cegos, os mudos falam com ela, e se tornou um símbolo de saudação, súplica e condenação. A mão tem desempenhado um papel na vida criativa de cada sociedade conhecida, e ela veio a ser simbólica ou representativa de toda a pessoa na arte, no drama, e na dança (1955, p. 4, tradução do autor).

As mãos, portanto, podem ser consideradas um instrumento que pode fazer o bem ou o mal. Se pensarmos no contexto do conto, as mãos dos “pretos” carregam o sofrimento devido ao trabalho árduo imposto pelos colonizadores e à submissão imposta por estes, além de as mãos serem usadas também para beneficiar a colônia. Já por parte dos colonizadores portugueses, as mãos simbolizam mandato, poder, encargos dirigidos aos negros moçambicanos, a quem restou obedecer aos brancos e conformar-se com a realidade em que viviam: a de subordinados que veem em sua própria cor a inferioridade em contraste com a cor branca daqueles que impõem suas regras, somente igualando-se a cor branca de suas mãos.

Concluindo, todos os seres humanos têm as palmas das mãos brancas, assim como relata a mãe do “miúdo” no conto. Entretanto, Honwana, através deste conto, faz uma crítica à sociedade colonizadora branca de Moçambique por meio da curiosidade de uma criança em relação ao fato de a palma das mãos dos negros serem brancas. Portanto, os brancos colonizadores são aqueles que contam histórias ao menino e fazem piadas sobre os negros. O conto mostra ao leitor a debilidade do negro colonizado perante a soberania branca no país africano, onde o papel do negro é obedecer e aceitar sua condição de dominado, enquanto o branco é aquele que se julga íntegro. A ingenuidade do “miúdo” se mistura com a falta de respeito dos adultos, que se divertem à custa da inocência e da simplicidade do menino mulato. O racismo e seus símbolos foram apresentados no conto, logo, fazendo com que o leitor identifique a discriminação dos colonizadores em relação aos colonizados com as diversas reações na Moçambique colonial, período em que, de acordo com a história do país, os integrantes da FRELIMO foram torturados por desejarem a liberdade de seu povo, em um espaço onde os negros colonizados eram ridicularizados, tanto no conto de Honwana quanto na história da Moçambique dos anos 60-70.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alpenfels, Ethel J. The Anthropology and Social Significance of the Human Hand. *Artificial Limbs: A Review of Current Developments*, 2(2): 4-21, 1955.
- Cravino, Janete S. Conflitos internos: resolução de conflitos. *Revista Militar*, ed. 2446, nov. 2005. Disponível em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/21>
- Daie, Fábio Salem. “O império na palma da mão: ‘As mãos dos pretos’, de Luís Bernardo Honwana”, in: *Congresso Internacional Fluxos e Correntes: Trânsitos e Traduções Literárias*, 9, 2015, Belém. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015, p. 1-12. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455985767.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455985767.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2017.
- Facco, Edson Reinaldo. Miséria versus liberdade: Uma análise interdiscursiva entre conto e depoimentos moçambicanos. *Revista Lumen et Virtus*, 1(1): 62-76, 2010. Disponível em: <[http://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero1/edsonfacco.html](http://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero1/edsonfacco.html)>. Acesso em: 04 set. 2018.
- Figueiredo, Euridice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura anti-lhana*. Niterói: Eduff, 1998.
- Honwana, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. 2. ed. Lisboa: Afrontamento/Porto, 1972.
- Oliveira, Thainá Aparecida Ramos de. A imagem do negro nos contos Menina Vitória e Mãos dos Pretos. *Revista Athena*, 1(8): 216-235, 2015.
- Paiva, Pedro Henrique Gomes. A identidade da cor em Luandino Vieira e Luís Bernardo Honwana. *Revista Porto das Letras*, 2(2016): 271-285.

Preto, *Dicio*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/preto/>>. Acesso em 25 mar. 2017.

Proença, Paulo Sérgio de. Análise do conto “As mãos dos pretos”, de Bernardo Honwana, em perspectiva descolonizadora. *Literartes*, 5(2016): 100-119.

Silva, Rejane Vecchia da Rocha; Matos, Tatiane Reghini de. A representação do trabalho em João Dias e Luís Bernardo Honwana. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, 24(2015): 160-178.

ARTIGO RECEBIDO EM 27/12/2017; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 30/08/2018

**RESUMO:** O conto “As mãos dos pretos” faz parte da obra *Nós matamos o cão-tinroso*, escrita pelo moçambicano Luís Bernardo Honwana e publicada em 1964. O objetivo deste trabalho é analisar as respostas dos personagens do conto aplicando conceitos relacionados ao racismo/ discriminação contra os negros. Por meio das vozes repressoras e reprimidas, apresentamos um estudo do discurso religioso e científico, além da apresentação de referências históricas na Moçambique colonial e das relações entre o colonizador e o colonizado. Serão comentados, igualmente, os simbolismos nas respostas e no próprio nome dos personagens do conto, associados ao conceito da sociedade que apresenta o dominante/dominado do período colonial no país africano onde a história é retratada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Lusófona. Moçambique. Honwana. Colônia. Discriminação.

**ABSTRACT:** The tale “As mãos dos pretos” is part of the book *Nós matamos o cão-tinroso*, written by the Mozambican Luis Bernardo Honwana and published in 1964. The objective of this work is to analyze the answers of the characters by applying concepts related to racism/discrimination against blacks. Through repressive and repressed voices, we present a study of religious and scientific discourse, besides the presentation of historical references in colonial Mozambique and the relations between the colonizer and the colonized. The symbolisms in the answers and in the very name of the characters of the story will also be commented, associated with the concept of the dominant/dominated society of the colonial period in the African country where the story is portrayed.

**KEYWORDS:** Lusophone Literature. Mozambique. Honwana. Colony. Discrimination.